

\* VE, SAES = ant. OSSAES, LEDO = OLEDO, pop. VAR = OVAR, etc. O sentido tambem se não oppõe á minha explicação: de facto ha varios locaes com nomes de significação semelhante, taes como MATANÇA, HOMEM MORTO, MORTORIO, SERRA DA MULHER MORTA, etc.

6. O systema das *vides de enforcado*, tanto em voga no Minho, deu ~~logar~~ ao nome commum *uveira* (*uv-eira* de *uva*) para designar uma «arvore a que uma vide se arrima»; já um escriptor latino disse: *ulmi vitibus maritantur*. D'aqui o apparecimento de nomes de sitios como os seguintes, que colhi nas matrizes prediaes da repartição de fazenda de Guimarães: UVEIRAS (campo, f. de Balazar), UVEIRINHAS (sitio, f. de S. Torquato), UVEIRAL (sitio, *ib.*). — Este § não dá nenhuma novidade aos leitores minhotos, mas dá-a talvez aos que forem de outras provincias, onde aquelle processo vinicola não tenha a importancia que tem no Minho.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

## CONTOS AFRICANOS

(INTERIOR DE BENGUÉLA)

### I — Sirombo

Havia um homem que tinha duas mulheres. Uma não tinha filhos, a outra tinha uma filhinha muito linda que se chamava Sirombo. A mulher que não tinha filhos, cheia de inveja, um dia que a outra foi buscar agua, deitou-a ao rio para a matar. Ella, porém, não morreu, porque, ao cahir, apanhou-a o rei dos peixes que a levou para o seu palacio e lhe deu muitas prendas; casaram-se e ficaram ambos a viver lá no fundo do rio.

A mulher má, quando chegou a casa, fingiu-se toda afflicta e disse ao marido que a outra se afogara. D'ali em deante principiou a maltratar a Sirombo quanto pôde; tirou-lhe os enfeites, cortou-lhe o cabello e sujou-a toda para ella parecer feia; depois mandou-a buscar agua. Sirombo foi, a chorar, mas, logo que metheu a bilha na agua, ouviu a voz da mãe perguntando se era ella quem estava a fazer *buin, buin*, e respondendo-lhe ella que sim, sahio das ondas a mãe,

toda enfeitada, como rainha dos peixes que era, e poz-se a fazer-lhe muitos mimos e a perguntar por tudo quanto deixára em casa:

- |                                   |                                |
|-----------------------------------|--------------------------------|
| — <i>Dove tapa doto buin buin</i> | E's tu, minha filha            |
| — dove, Sirombo cati?             | Sirombo, que fazes buin buin?  |
| — Etiá, mai, ame.                 | Sim, mãe, sou eu.              |
| — . . . . . acora?                | Teu pae está bom?              |
| — Etiá, mai, acora.               | Sim, mãe, está bom.            |
| — Hombo ia soi acora?             | Os bois de teu pai estão bons? |
| — Etiá, mai, acora.               | Sim, mãe etc.                  |
| — Gulo ia soi acora?              | Os porcos de teu pae etc.      |
| — Etiá, mai, acora.               | Sim, mãe etc.                  |
| — Sanji ia soi acora?             | As gallinhas etc.              |
| — Etiá mai, acora.                | Sim, mãe etc.                  |
| — Cumbi da quinta, quinte.        | O sol está a pôr-se, vai-te.   |
| — A mai, nhamaco.                 | O' mãe, quero mamar.           |

A mãe deu-lhe de mamar; e começou a pentea-la, e, á medida que a ia penteando, ia-lhe crescendo o cabello; depois, pôz-lhe muitas contas de todas as côres, e quando o sol acabou de se pôr, a mãe voltou para dentro da agua.

A madrasta, vendo Sirombo tão bonita, enfureceu-se, arrançou-lhe todos os enfeites e tornou a suja-la. No dia seguinte aconteceu o mesmo, e no outro tambem. Por fim Sirombo contou ao pae o que era succedido. A' tarde foi o pae com muitos amigos esconder-se perto do sitio onde Sirombo costumava ir buscar agua. Viram que era tudo verdade, e, quando a mãe ia para retirar-se, os homens sabiram do esconderijo e quizeram agarrá-la; mas ella fugiu-lhes e voltou para ao pé de seu novo marido o rei dos peixes. Então foram buscar a mulher mã e o marido arrançou-lhe o coração.

## II — Bôra

Havia muito tempo que não chovia. A terra estava toda secca e os animaes morriam á sede. Então juntaram-se todos e foram para o cume de um monte pedir ao Sucu que mandasse chuva. Foi o elephante o primeiro a fallar por ser o maior, mas o Sucu não o attendeu. Seguiram-se os outros animaes fortes e nada puderam. Por fim, ergueu-se o sapo, e disse: «Deixem-me fallar a mim que talvez o Sucu me ouça». Escarneceram-o, e o elephante disse: «Se o Sucu não faz caso de mim que sou o maior de todos os animaes, como te atreves tu a esperar que elle faça caso de ti, o mais desprezível de todos?» E dizendo estas palavras levantava a pata para esmagar o pobre sapo. Houve alguns que tiveram dó e disseram: «Deixa-o fallar». Então o sapo poz-se no meio e principiou a orar com toda a humildade, e ainda elle não acabára a oração, abriram-se as nuvens e as aguas do ceu inundaram a terra.

## III — Jamba

Um homem, voltando d'uma viagem, trazia consigo uma rapariga. Ora na terra d'elle comia-se gente, e por isso, receioso de que lhe viessem comer a rapariga, escondeu-a dentro de uma canna, que pendurou no tecto da casa. Logo veio muita gente a visita-lo e uma velha deu pela rapariga escondida: cheirou-a. A velha sahio muito depressa, e pôz-se á porta a gritar que viessem todos pisar o *lucu*<sup>1</sup> porque havia carne para comer amanhã.

Então o homem deu á rapariga um pente de marfim e disse-lhe que, logo que todos estivessem juntos, mandasse ao pente que voltasse ao que tinha sido. Ella assim fez; quando viu todos sentados em roda a pisar o *lucu*, ella, pisando o seu, pôz-se a cantar muito triste:

Kisaco iangue lingo jamba;	Pente meu, faze-te em elephante;
Sio canuare eu maí;	leva-me para minha mãe;
Sio canuare cu tate;	leva-me para meu pae;
Sio canuare kimbo e tu;	leva-me para a minha terra.
Sio canuare kufecá.	

Logo o pente saltou para o chão e fez-se num elephante; ella montou-o e foi-se para a sua terra.

## IV — Kisonda

Uma mulher casada de novo foi viver para a terra de seu marido. Um dia sumiu-se o marido, a casa e a horta, e ella viu-se no meio de um deserto; só tinha ficado uma formiga e um pé d'abobora. Então a mulher pediu á formiga que abrisse um carreirinho, e á abobora que a acompanhasse até á casa de sua mãe:

Lungo, lungo, wambo gira;	Abobora, abobora, acompanha-me;
Lungo, lungo, wambo gira;	
Kisonda, wambo hoca;	formiga, abre o caminho;
hete lungo; songora	—; levem-me para a minha terra e para minha mãe Dumbo.
kimbo cu maí quando	
Dumbo.	

A formiga poz-se a andar, e a aboboreira a estender-se pela terra fóra, e assim a levaram até a casa de sua mãe.

<sup>1</sup> *Lucu* não é milho. Milho diz-se *Pungo*. O *lucu* parece ser um grão de qualidade inferior.

## V — Chimbotó

Chimbotó wavinda punda.  
Kangara wavindo queru,  
Maiwé lélé! Maiwé lélé!

O sapo (rã?) penteia o cabelo  
O lagarto penteia — ?

## OBSERVAÇÃO

Estes contos foram colligidos em Lisboa da boca d'uma preta, originaria do interior de Benguela, vinda para cá ha muitos annos.

Devo advertir que não me responsabiliso pela pureza dos textos, porque a narradora estava nm tanto esquecida da lingua natal; além d'isso ha uma certa difficuldade para um estranho em distinguir as palavras, mórmente quando (como aqui parece succeder frequentemente) estão alteradas as accentuações pelas exigencias do rhythmo musical.

O texto em que tenho mais confiança é o do conto quarto «Da formiga e da aboboreira», que me parece não ter padecido alteração. Confirma-me em tal opinião o character da melodia que busquei fixar com notas e que é decididamente preta. O quinto tambem me parece correcto. No primeiro sublinhei o que julgo mais duvidoso.

Lisboa. Agosto de 1881 1.

CECILIA SCHMIDT BRANCO.

## ETYMOLOGIAS POPULARES PORTUGUESAS

Pelo nome de *etymologia popular*, que foi introduzido na sciencia por Förstemanu no primeiro artigo com que em 1852 iniciava a sua publicação a notavel revista de Kuhn <sup>2</sup>, designa-se o processo pela qual uma palavra desconhecida é substituída ou interpretada por outra de som semelhante. A etymologia popular é uma das manifestações da *analogia*, principio que tem uma enorme influencia sobre o

<sup>1</sup> Estes contos, que offereço á redacção da *Revista Lusitana*, existem em meu poder desde a data supra. — P. A. Coelho.

<sup>2</sup> Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung herausgegeben von Dr. Theodor Aufrecht und Dr. Adalbert Kuhn. Berlin.